



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Letras – IL

Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL

**UMA ANÁLISE DA INSTÂNCIA NARRATIVA E DAS CONVENÇÕES SOCIAIS
EM *EM SURDINA* DE LÚCIA MIGUEL PEREIRA**

Mariana Amorim Souza Barboza

Brasília

2023



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Letras – IL

Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL

**UMA ANÁLISE DA INSTÂNCIA NARRATIVA E DAS CONVENÇÕES SOCIAIS
EM *EM SURDINA* DE LÚCIA MIGUEL PEREIRA**

Mariana Amorim Souza Barboza

Monografia apresentada à disciplina Monografia em Literatura do Departamento De Teoria Literária e Literaturas – TEL, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, sob orientação da Prof.^a Dra. Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa.

Brasília

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por me permitir cursar uma segunda graduação pela Universidade de Brasília. Foram muitos desafios, mas Ele sempre esteve comigo, me dando forças para continuar.

Agradeço igualmente a minha família que me ajudou a trilhar meu caminho até aqui, em especial a minha mãe, Marlinda, que sempre me incentivou a crescer através dos estudos. Sem minha família não seria possível continuar e finalizar esta etapa tão importante da minha vida. Ao meu marido e companheiro, Marcos Vinicius, que também me incentivou e tornou-se um parceiro nesta caminhada.

E, por fim, agradeço imensamente à professora Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa por ter aceitado ser orientadora deste trabalho. Obrigada por toda ajuda, pelos conselhos e por ter tornado a produção deste trabalho algo leve e prazeroso.

RESUMO

O romance *Em Surdina* é uma das obras de Lúcia Miguel Pereira, uma influente escritora do início do século XX. Em suas obras, Lúcia Miguel aborda questões relacionadas à posição social das mulheres, explorando temas ligados à condição feminina na sociedade. O objetivo deste trabalho é evidenciar a interferência da instância na construção das personagens. Semelhantemente, a forma como o casamento é explanado na obra, sendo a sina da figura feminina, principalmente para uma mulher branca de classe média. Do mesmo modo, levantar questões relacionadas às convenções sociais, como estas são tratadas no romance e sua influência na organização social abordada na obra.

Palavras-Chave: Em Surdina; Lúcia Miguel Pereira; papel social da mulher; convenções sociais; casamento; instância narrativa.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	6
1 INSTÂNCIA NARRATIVA.....	8
2 CASAMENTO.....	12
3 CONVENÇÕES SOCIAIS.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	26

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho surgiu da experiência que tive com a obra *Em Surdina*, da autora Lúcia Miguel Pereira, em minha graduação. Na matéria intitulada Literatura Brasileira – Modernismo, à época ministrada pela Prof.^a Dra. Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, tive a oportunidade de trabalhar com a obra a partir de um ensaio proposto pela docente como forma de avaliação.

A partir disso, surgiu o desejo de aprofundar-me nas questões que envolvem a trama de Pereira, pois, tais questões fizeram-me refletir sobre alguns temas voltados para o meio social, principalmente no tocante às mulheres e a luta para que estas pudessem ser inseridas de forma mais digna na sociedade. Ainda que, a meu ver, a luta continua.

Isto posto, a presente pesquisa tem como objeto de estudo uma das obras da autora Lúcia Miguel Pereira intitulada *Em Surdina*. O objetivo central deste trabalho é evidenciar como o casamento e as convenções sociais são tratados na trama. Sendo o patriarcalismo o sistema basilar para tais convenções. Outrossim, a escolha, por parte da autora, da instância narrativa e como esta conduz a história e suas personagens.

A partir da análise da obra de Lucia Miguel, este trabalho foi dividido em três partes, sendo elas, as convenções sociais presentes na trama, como o casamento é abordado e a influência da instância narrativa no desenvolvimento da obra.

A primeira parte dedica-se à instância narrativa. Sendo assim, a reflexão volta-se para como a autora utilizou desta para a evolução da trama, sua influência na narrativa, como a instância narrativa interfere no desenvolvimento das personagens e suas escolhas e, do mesmo modo, no destino destas na história.

A segunda parte, por sua vez, é dedicada à instituição casamento. De modo que esta pesquisa busca refletir em como o matrimônio é tratado na trama, qual o papel de uma mulher branca e de classe média ante ao casamento; como a instituição é utilizada pelo patriarcado para subjugar a mulher.

Por fim, a terceira parte que se concentra nas convenções sociais. Desse modo, a análise está voltada para como as convenções sociais ditam o papel de cada um, homem ou mulher, no meio social e como tais convenções são regras a serem seguidas à risca por seus membros, principalmente para o meio social da classe média predominantemente branca.

Portanto, este trabalho pretende trazer à tona as questões sociais abordadas na obra de Lúcia Miguel. Outrossim, o narrador como recurso de grande interferência para o desenrolar da trama.

1. Instância Narrativa

O ato de narrar é um modo de comunicar-se que envolve relato de eventos, de histórias e até descrições de acontecimentos. A narração é uma das principais formas de expressão humana, sendo utilizada tanto na literatura quanto na comunicação oral para transmitir informações, entreter, educar e envolver o público.

Neste contexto, a narração é o ato de enunciação ou de formulação do discurso levado a cabo por um narrador (v.), em circunstâncias e num tempo específicos, ato esse que tem como destinatário imediato um narratário (v.) (REIS; Carlos, 2018, p. 279).

No tocante à literatura, a narração torna-se um elo entre o leitor e a obra, pois aquela tem o poder de envolvê-lo na história; há também a possibilidade de criar diferentes atmosferas para a narrativa, a saber, suspense, romantismo, terror e etc. É, do mesmo modo, um recurso para o desenvolvimento dos personagens, pois através da narração o leitor pode conhecê-los de um modo mais profundo, até mesmo saber de seus pensamentos, seus sentimentos, suas motivações e conflitos internos.

Há vários aspectos que envolvem a concretização do ato de narrar, a saber, o tempo e espaço, o vínculo que existe entre o narrador e a história, o narratário e os componentes integrantes da narrativa, além das circunstâncias condicionantes que têm relação direta com o tempo e o espaço em que se passa a narração e etc. Ademais, o conceito de narração relaciona-se com o conhecimento que o narrador detém acerca da narrativa ou com o distanciamento que este mantém desta. De modo que, podemos afirmar que há níveis narrativos que podem ser observados a partir dos desdobramentos de instâncias narrativas, interferindo diretamente na narração, pois, a utilização de tais instâncias é uma decisão que parte de uma escolha do autor, agindo diretamente no significado da obra.

O narrador manifesta a sua presença quando, aumentando a sua distância em relação ao que conta, opera uma narração (*telling*) que elabora (resume, elide, etc.) a história; nessa narração está implicada a condição subjetiva do narrador (v. *subjetividade*) e, com ela, as circunstâncias que envolvem o processo narrativo. (REIS; Carlos, 2018, p. 281).

A história de *Em Surdina* se passa na sociedade carioca do século XX, em uma época em que as mulheres brancas, de classe social média/alta, deveriam seguir certos padrões impostos socialmente, como por exemplo, casar e ter filhos, não trabalhar e etc. Tendo isso em vista, a representação das personagens feita pelo narrador está vinculada aos valores sociais que se manifestam ao longo da narrativa. De modo que, a narração exerce uma interferência proposital na construção das personagens a partir de tais valores.

Desse modo, o narrador molda toda a história e o futuro dos indivíduos da narrativa a partir da sua visão das convenções sociais da época. Assim, é possível notar que o narrador traz para a trama questões mais conversadoras para suas personagens e constrói suas histórias a partir dessa visão, principalmente para as figuras femininas da obra. Tal conservadorismo fica evidente quando o próprio narrador valida os discursos de alguns personagens.

– Trabalho de moça é em casa. Olhe, você quer serviço? Pois então arrume os meus livros, que andam numa desordem horrível. (...) o cirurgião deu por finda a palestra, certo de haver convencido a filha. Caprichos de mulher, o vento os traz, o vento os leva. Dar-lhe-ia mais cem ou duzentos por mês, e ela nem se lembraria mais de semelhante disparate. O que Cecília precisava, isso sim, e o quanto antes, era casar. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 189).

Ainda sobre a visão do narrador e sua interferência na vida e história das personagens, é importante ressaltarmos também o olhar da autora em relação ao contexto vivido em sua época, pois este, sem dúvida, contribuiu para a criação desta obra, uma vez que há semelhanças entre a vida de Lúcia Miguel com a história das personagens principais de *Em Surdina*. Pode-se citar como exemplo o fato de que Lúcia Miguel era de uma família de classe média, assim como a família de Cecília. Pereira era filha de um renomado médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; do mesmo modo, o pai de Cecília e Heloísa é médico. Como a autora era de uma família com boa classe social, ela estudou em colégios conceituados, como por exemplo, o Colégio Notre Dame de Sion, uma escola tradicional católica da cidade do Rio de Janeiro; do mesmo modo, as duas irmãs estudaram em um colégio católico. Levando isso em consideração, por mais que a narradora e a autora sejam seres

distintos, uma vez que, esta é um ser real e aquela, por sua vez, é a voz que narra os acontecimentos, um ser fictício; é evidente que Pereira colocou sua realidade, aspectos da sua vida real, na própria obra e na identidade do narrador. Dado que, a ideologia do narrador muito se assemelha com aspectos ora religiosos, ora extremamente conservados, comportamentos esperados de uma mulher nascida e criada em uma família de classe média religiosa como Lúcia Miguel foi.

No intento de construção dessa verossimilhança, as narrativas de Lúcia Miguel Pereira são inclinadas a revisitar as ideologias, o espírito centralizador e autoritário da época. Sendo uma representante de uma elite intelectual, urbana e conservadora. Lúcia empresta muitas de suas convicções para suas personagens. (ALMEIDA; Edwrigens, 2013, p. 125).

A narrativa desenvolve-se a partir da perspectiva de Cecília, a personagem principal, e todo desenrolar da história baseia-se em suas reflexões sobre si e dos outros personagens que fazem parte da narrativa. A narração é feita sob ótica de um narrador heterodiegético¹, utilizando a terceira pessoa, através dos discursos direto e indireto; sendo este, por sua vez, a maneira pela qual o narrador faz certas intervenções no discurso, ao utilizar as suas próprias palavras para reproduzir as falas dos personagens.

“À quoi pensez-vous, Cecília?... vous voilà de nouveau partie...” Ela sorria, desculpava-se, prometia prestar mais atenção à aula. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 147).

O rumo da personagem é marcado pela problemática do casamento e do que é ser feliz de fato, e o próprio narrador nos mostra a relevância da questão do matrimônio para a figura feminina, pois em suas interferências na narrativa parecem concordar com este tipo de discurso.

Essas veleidades de independência, esse gênio esquisito, isso tudo era falta de marido. Uma menina sadia como Cecília não podia ficar solteira. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 190).

E, ao mesmo tempo, se esquiva quando a questão levantada é a vontade de

¹ “Chama-se narrador heterodiegético aquele que relata uma história à qual é estranho, por não integrar, como personagem, a diegese em questão”. (REIS; Carlos, 2018, p.296).

Cecília em trabalhar e ser independente, inclusive tratando tal questão como algo banal e sem muita relevância.

E o capricho, a falta de que fazer, que a levava a querer ganhar a vida, foi se avolumando dentro dela. Defendeu-o ferozmente, como se fosse de fato muito importante, como se se defendesse a si própria, e ao seu direito à existência. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 194).

A opinião do narrador fica mais evidente quando percebemos a forma como este lida com as questões de Cecília em relação ao seu destino matrimonial.

Nunca tivera essa sensação desagradável de ser uma quase-solteirona, sem graça nem beleza, ridiculamente recheada de convenções, alheia à verdadeira vida, à vida do espírito, larga e livre [...] uma colegial de quase trinta anos (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 238).

Inclusive, a protagonista por vezes é chamada de imatura e até mesmo de infantil por estar atrasada em relação às outras moças, é fato que Cecília só tinha um atraso em relação às jovens de sua idade e classe social: o casamento. Ainda que Cecília tivesse tantas obrigações, tantas responsabilidades, afinal, ela cuidava de todos da família, inclusive dos sobrinhos, era limitada a adjetivos como esses, uma vez que, para ser adulta e ser mulher era necessário ser casada.

Como era triste isso tudo, como era horrível! Estava certo o que Antônio dizia; era ela quem vivera iludida, pensando que a família seria sempre o que fora na sua meninice. Não via que o tempo passara, que cada um ia fazendo a sua vida, separada da dos outros; contra a dos outros, até, se fosse necessário. O meu e o teu lutavam contra o nosso. Adultos não podiam viver como crianças, numa comunhão de tudo. Fora ela que se atrasara. Mas que havia de fazer? Estava atrasada e não sabia viver de outro modo. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 253).

Além disso, o narrador traz para a personagem principal excessos de conservadorismos, apesar de muitas vezes ser descrita como uma mulher à frente de seu tempo. Cecília queria ser livre e não casar, uma luta diária contra aquilo que era imposto socialmente, entretanto a mesma personagem veste-se da figura conservadora da época e recrimina sua irmã por ser infiel ao marido. Inclusive, sente-se superior à

irmã por ser pura e por vezes moldada ao que se espera da mulher. “Contemplou-se alguns instantes. Se quisesse encontraria prazeres iguais aos da irmã. Não lhe era em nada inferior. Mas isso não a tentava. Sentia-se até orgulhosa de ser tão pura”. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 263). Fica evidente a posição do narrador entre a situação, uma é pura por se guardar e não cair nas tentações, e a outra é impura por estar à procura de prazeres carnavais.

No entanto, o narrador também parece mergulhar junto à Cecília em suas contradições, visto que, em alguns momentos parece narrar de forma irônica o destino da mulher no casamento, inclusive, reduzindo a maternidade, sina das casadas, a uma escravidão para a mulher. “A escravidão humilde e profunda da maternidade empolgava-a. Apesar das dificuldades financeiras, devia ser feliz” (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 176). E mais, parece legitimar o pensamento de Cecília sobre o matrimônio, como uma prisão para a mulher. “Sentia-se alegre, porque era livre, porque não fora reduzida ainda a um instrumento de prazer ou de procriação. Alegria obscura, indefinida, e por isso mesmo completa”. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 176).

Vale ressaltar que Cecília era livre no tocante ao cárcere do casamento, visto que ainda não estava presa a um, mas em outros aspectos continuava sendo uma mulher presa às amarras do patriarcado.

Apesar de ter sido criada no Flamengo, era a primeira vez que tomava banhos de mar. Dr. Vieira não achava próprio para moças. No Ipanema, onde não havia quase ninguém, Cecília desforrava; passava na praia grande parte do dia, só entrando em casa nas horas de maior calor. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 181).

A partir dessas afirmações, é possível perceber como o narrador desenvolve as personagens, ora com um olhar conservador, ora com um tom irônico e ao mesmo tempo inovador. Quer legitimando atitudes patriarcais, quer legitimando mudanças sociais impensáveis para o período vivido na obra.

2. CASAMENTO

O enredo da obra *Em Surdina* se passa no Rio de Janeiro dos anos de 1917. Uma época marcada pelo patriarcado que refletia como um sistema de poder e domínio

exercido pelos homens. Não há dúvidas que tal sistema influenciou a vida social, política e econômica de tal época; apesar do período em questão estar passando por diversas mudanças, mesmo que tímidas, no tocante ao papel social das mulheres.

O percurso de Cecília e os seus dilemas são bastante pertinentes a uma época em que as condições sociais da mulher passavam por grandes mudanças, obrigando homens e mulheres a refletirem sobre seus papéis em meio ao contexto familiar e também dentro da sociedade como um todo. (SANTOS; Juliana, 2012, p. 153)

Tal modelo social tornou-se uma grande influência na vida da sociedade, e teve uma arma extremamente poderosa para exercer seu poder, principalmente em relação às mulheres: o casamento. O modelo do ideal social do período era casar-se, ser submissa ao marido e ter seu sustento através deste. “Ainda nessa época, a mulher era preparada para exercer a vida conjugal”. (ALMEIDA; Edwrigens, 2011, p. 469). De modo que, o matrimônio era visto como meio de vida para as mulheres, seja para a liberdade ou para o aprisionamento. Pois, era do consenso que a mulher devia sujeitar-se ao seu marido, ou seja, não existia a possibilidade de viver senão a sombra do cônjuge. Ainda que para algumas mulheres daquele tempo o casamento, por pior que fosse, era uma forma de liberdade. Inclusive, era o pensamento de Heloísa, irmã mais velha de Cecília.

– [...] Olhe, menina, o casamento, na pior das hipóteses, é uma carta de alforria. Uma mulher casada, mesmo mal casada, ainda é mais feliz do que uma solteirona. Ao menos tem mais liberdade. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 258).

Na obra de Lúcia Miguel as questões do matrimônio giram em torno da história da maioria das personagens, sendo a personagem principal a mais afetada por tais questões. Visto que, a moça desejava coisas demais, ora queria viver o casamento, ora achava que não se encaixava em tantas condições para estar em um. “De modo paradoxal, esta almeja o casamento, o trabalho e a independência financeira”. (ALMEIDA; Edwrigens, 2011, p. 469). Nessa constante vontade de viver, e viver de seu modo, Cecília se torna demasiadamente seletiva e, segundo seus familiares, dispensa bons pretendentes, o que para o período não era algo tão comum partindo de uma mulher. Uma mulher tentando decidir seu destino? Fora do casamento? Não há

normalidade para isso neste contexto. Inclusive, quando Cecília questiona seu pai sobre a possibilidade de arranjar-lhe um emprego, o patriarca fica profundamente irritado e ofendido, a ponto de tentar, a todo custo, arranjar-lhe, na verdade, um pretendente. Porque uma moça, ainda mais de classe média, precisa casar-se e não procurar emprego.

– Que tem Cecília? – Perguntavam os irmãos, sentindo falta do sorriso com que ela os acolhia. [...]

– Cecília precisa casar – explicava o pai – Eu estou tratando de arranjar um genro entre os rapazes do serviço; o meu candidato seria o Paulo, mas infelizmente acho-o com pouco jeito de querer casar. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 190).

A questão matrimonial é de extrema relevância para o romance, pois este se passa em um momento onde o machismo e o patriarcado – o pai ou marido tinha autoridade sobre a mulher e os filhos – tinham uma força enorme, e não muito diferente da realidade dessa época, Cecília, por ser mulher, em vários momentos é hostilizada pelo fato de querer ser independente, e a situação piora por ela negar casamento a “bons partidos”, homens importantes e ricos. Seus próprios familiares acham sua postura incomum, pois o “sonho” das moças desse período era sem dúvida o casamento. “– Cecília, Cecília, olhe o que você vai fazer – avisava Heloísa –: não se rejeita um partido desses.” (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 256). E por estar constantemente reflexiva sobre sua vida, sobre seu destino, em alguns momentos a moça concorda com seus familiares e se deixa levar pelas convenções sociais das quais está cercada; a ponto de pensar em casar-se sem amor, pensando na eventualidade de aprender a amar alguém.

Ela concordava; achava-lhe muitas qualidades, e pensava que se devia casar; seria muito triste ficar solteirona, e aos 29 anos, uma moça não tem mais tempo de esperar. Sabia de tudo isso, e se ainda não gostava dele, não achava impossível vir a gostar... (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 256).

Evidentemente, as figuras masculinas do romance fazem parte do modelo social esperado para a época, homem como provedor e mulher submissa, de modo que, tais figuras esperam uma esposa para formar uma família, claro, perfeitamente encaixada

no modelo social daquele século. Até mesmo Paulo, personagem que é amigo de Cecília e que para esta era inteligente e diferente de muitos pretendentes que conhecera, pensava exatamente igual aos demais e queria para si uma esposa “que lhe cosesse as meias e cuidasse da comida” (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 193). Isso fica bem claro quando a protagonista tenta desabafar com Paulo sobre a recusa de seu pai em arranjar-lhe um emprego. Paulo, aproveita a situação para pedir a mão da moça em casamento. Ante as palavras proferidas pelo personagem, fica claro seus pensamentos sobre uma mulher trabalhar fora de casa. É evidente que Paulo concorda com as convenções sociais de sua época e pensa que a melhor ocupação para uma mulher, “o melhor emprego”, como nas palavras dele dirigidas à Cecília. Ante a situação, Paulo, afinal, concorda com o pai de Cecília e não acha que um emprego, ainda mais como datilógrafa, estava à altura de uma moça da classe social de Cecília.

– Isso significa que o emprego que tenho pra você, o melhor, o que me encheria de felicidade se você o quisesse, é o de minha mulher. Para que andar por aí, exposta a encontrar gente de toda a sorte, num lugar subalterno, se pode ser rainha em sua casa... em nossa casa? Ser a razão e a recompensa da minha vida, não será uma ocupação melhor do que ser datilógrafa? Você é tudo para mim, Cecília. Eu não seria também alguma coisa para você? Não poderei, com muito carinho, encher esse vazio da sua existência? (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 193).

Cecília fica perplexa ante a situação, visto que não pensava que seu amigo tinha tal desejo, ainda mais por ela. E mais, não imaginava que Paulo concordava que a figura feminina precisava submeter-se a isso, a moça imaginava que seu amigo concordaria com ela, que ela poderia sim ser uma mulher livre e, seguir seus desejos, e ser independente. Porém, como seu amigo ofereceu-lhe o “emprego” de ser sua mulher, a protagonista entendeu que Paulo não estava ao seu lado nesta situação. Foi justamente na fala de Paulo que veio a decepção, ele não concordava com o sonho da moça de ser alguém na vida, muito pelo contrário ele ofereceu a ela um “emprego”, o qual muitas vezes fez Cecília refletir, e, não querer tal “ocupação”, justamente por não querer ser a sombra de um homem.

Um minuto, relampejou diante dela a sua vida futura, a sua vida independente – a vida que sonhara edificar. Agora, pareceu-lhe morna e vazia, sem Paulo – sem o amigo, sem esse apoio fraternal e seguro. Mas

era Paulo, esse homem que reclamava o seu carinho – e a sua submissão? Não, não era possível, o Paulo que conhecera não a abandonaria. Era a ele que se devia queixar do outro, desse que voltara de São Paulo exigente e egoísta. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 193).

Paulo torna-se uma pessoa diferente da qual Cecília estava acostumada, inclusive, ele ignora totalmente seu desabafo para tentar convencê-la em casar-se com ele, o que no momento ele mais almeja. E mais, diante da negativa vinda da parte de Cecília, Paulo evoca para seu discurso o machismo, na tentativa de atacar e desdenhar do desejo da moça em torna-se uma mulher independente.

Mas foi o Paulo apaixonado – o Paulo egoísta e duro – quem lhe respondeu. – E de tudo eu concluo que você não gosta de mim. Tudo o mais é pretexto. Que pode você esperar de maravilhoso de extraordinário, sem ser uma empregadinha, em depender de patrões? Se é esse, o seu ideal, não lhe dou parabéns. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 193).

Para Paulo, um emprego para uma mulher parecia ser algo vilipendioso, visto que este despreza tal ideia. Isso fica ainda mais claro quando ele finalmente se casa e sua esposa deixa seu emprego de professora para cuidar dos afazeres de casa. Ao contar a notícia para Cecília, Paulo parece fazer questão de contar sobre a antiga vida profissional de sua companheira e como ela deixou o trabalho para dedicar-se apenas a ser sua esposa. É inquestionável que o personagem se utilizou da situação para atacar Cecília e mostrar que ele achou alguém disposto a largar tudo e devotar-se única e exclusivamente a ele e às coisas de casa, como ele propôs a moça no passado. E mais, mostrar de fato o que pensa sobre o papel da mulher no meio social, o lugar da mulher é em casa.

– Eu tinha ouvido dizer que ela era professora – atalhou Cecília – Deve sentir falta da escola [...]

– Era, mas não ensina mais, desde que nós nos casamos. Antes precisava ganhar, para educar a filha; ficou sozinha com uma menina de dois anos; mas agora não há mais necessidade disso. Eu não compreendo as mulheres trabalhando senão quando são forçadas pelas circunstâncias. Ela gostava mesmo muito da escola; a princípio sentiu; mas agora, não. Tem muito no que se ocupar, em casa. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 223).

Isso posto, no decorrer da obra de Lúcia Miguel é incontestável a importância do casamento no romance, visto que este se passa em um período onde os papéis sociais estavam quase que predestinados. Sendo o homem a figura protetora e provedora, e a mulher responsável pelo lar e a educação dos filhos. O matrimônio era o esperado para a figura feminina e Cecília sabia de seu destino em relação a isso, mas preferiu fazer tudo conforme ela pensava e desejava. Mesmo que depois ela se arrependesse de algumas atitudes, no fundo a personagem tinha absoluta certeza de uma coisa, não queria viver à sombra de ninguém.

– Para que você inventou aquela história de compras? – Perguntou-lhe a irmã. – Quem ficou atrapalhada fui eu. – Você é uma boba, não sabe viver. Quando a gente é casada precisa usar desses truques; assim vou fazendo um fundo de reserva, e Décio paga sem perceber. Se eu contar que o meu vestido da Mme. Andrée custou 600\$000 ele fica furioso; eu digo que fiz uma pechincha, que comprei por 400\$000, e completo a quantia com esses lucrozinhos.... Percebeu? Cecília percebera, sim... percebera demais; a servidão escondida do casamento pareceu-lhe humilhante. Nunca suportaria isso, nunca se resignaria a ter de lançar mão desses expedientes. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 174).

Assim, Cecília prossegue em seu dilema: casar-se ou não. Isso fica evidente no penúltimo capítulo do romance, pois a moça continua a pensar na possibilidade de casar e aceitar ou não o pedido de Arnaldo Dias, outro possível pretendente aprovado por seus familiares. "Cecília bem via a quem se referia Heloísa; era Arnaldo Dias, o tal advogado amigo da irmã. Dançara muito com ele nos bailes do Centenário; e Heloísa metera-se na cabeça casá-los". (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 258). No entanto, Cecília, como na maioria das vezes, escolhe recusar a investida do rapaz, apesar de que em outros momentos chegou a pensar de modo diferente e cogitou casar-se com Dias.

Uma noite, já estava deitada, quando Heloísa entrou no quarto. – Preciso falar com você. Prepare-se porque Arnaldo quer fazer o pedido amanhã. [...] – Você não o poderia avisar? Pediu. [...] – Não, porque você vai aceitar. E a discussão recomeçou. Heloísa lançava mão de todos os argumentos. Pintava-lhe com cores negras sua vida futura de solteirona. – Lembre-se de tia Marina, Cecília, você quer ser tia Marina? (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 258).

Fica claro que suas dúvidas, incertezas, inseguranças e seu conflito interno se perpetuam até o fim da trama. Desse modo, fica patente que a autora não conseguiu solucionar esse problema vivido durante toda a história pela protagonista.

O destino de Cecília, assim como o dos outros, também soa como um fracasso, pois ela permanece vivendo junto à família, sem dar continuidade aos seus planos de independência. Cecília luta contra o próprio medo, contra as próprias dúvidas, contra as dificuldades inerentes aos relacionamentos humanos e contra uma situação social que parece ser mais ampla, livre, mas que não o é". (SANTOS; Juliana, 2012, p.151)

3. CONVENÇÕES SOCIAIS

A obra de Lúcia Miguel traz como um de seus focos principais os papéis sociais da mulher e do homem. Sendo assim, o meio é o que envolve as personagens na construção da história e as questões sociais são imprescindíveis para tanto. Por conta disso, o casamento, a figura masculina como detentor de poder e provedor, a mulher como um ser mais frágil, entre outros, são questões relevantes para o desenrolar das personagens e das histórias centrais do romance.

Em *Surdina*, em 1933, e *Amanhecer*, em 1938. Todos eles trazem as marcas da desagregação político-ideológica vigentes naqueles tempos e procuram traçar o que essas inquietações resultaram na vida familiar, sobretudo, na condição social feminina. (ALMEIDA; Edwrigens, 2012, p. 27)

No decorrer do desenvolvimento das personagens é possível perceber que todos os atos de cada um, seja a personagem principal, Cecília, sejam as figuras secundárias, são manipulados pelas convenções sociais. É importante, no entanto, frisar que tais convenções são de uma família de classe média, ou seja, todas as questões estão voltadas para o que a classe mais favorecida espera de seus membros.

No tocante às personagens, Cecília, por exemplo, é a figura que menos se adequa a tais convenções. Ela não pensava, pelo menos não na maior parte do romance, como uma moça de classe média da sua idade.

Assim, também os outros empurravam-na para a frente. Não poderia parar. Tinha de agir, de realizar alguma coisa. Agir. Era preciso agir. Fazer uma tentativa qualquer. Boa ou má. Não importa. O que não poderia, era continuar a abster-se. Não era natural, dissera Don'Ana. Não era natural que se sentisse bem assim, sem pretender nada. Não era natural, mas era tão bom. Só ficava satisfeita quando não desejava, nem esperava. O desejo era um começo de ação, comunicava-lhe toda a trepidação de luta. Uma tensão desagradável, quase dolorosa. Desde o caso Sérgio Veiga não ambicionara mais nada, e vivera tão calma... Seria uma exceção? Por quê? (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 189).

Vale ressaltar que, o momento em que se passa a obra é quando os movimentos feministas começavam a ganhar mais força, lutando por mais direito, entre eles, o voto e o trabalho. Visto que, as mulheres eram impedidas de exercerem sua cidadania e de escolherem certas profissões, que muitas vezes eram exercidas exclusivamente por homens.

O século XX já inicia com uma movimentação inédita de mulheres mais ou menos organizadas, que clamam alto pelo direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho, pois queriam não apenas ser professoras, mas também trabalhar no comércio, nas repartições, nos hospitais e indústrias. (DUARTE; Constância, 2003, p. 160).

Desse modo, podemos sim afirmar que Cecília era uma moça um tanto excêntrica comparada às outras de sua classe social e idade, porém, é evidente que Cecília também estava inserida em um contexto em que haviam mulheres lutando por mais direitos, de modo que esta poderia estar sendo influenciada pelos novos acontecimentos daquela época. Entretanto, a obra não deixa explícito se a heroína estava mesmo se deixando levar por um movimento que estava surgindo. No romance, o mais perto que a personagem principal chegou dessas questões de revolução, foi quando soube de uma conhecida que começou a trabalhar na Light; algo não muito comum para uma época, não para o meio social abordado na trama. Tanto que a partir desse encontro, a moça pensa em fazer o mesmo, arrumar um emprego e ser independente.

Uma tarde, encontrou uma conhecida, que lhe disse estar trabalhando como datilógrafa na Light. – Você nem calcula como é bom trabalhar; a gente se sente útil e sobretudo independente; ganha o seu dinheirinho, não tem que dar satisfação a ninguém do que gasta. Isso foi um raio de luz para Cecília. Era do que precisava: trabalhar. Não sabia como não lhe ocorrera mais cedo. Como seria bom! Dias a fio, alimentou esse sonho, sem ousar falar a ninguém. Já se via saindo cedo para o emprego, com uns vestidinhos simples, práticos. De tarde tomaria um chá na cidade, antes de voltar para casa. E todos a olhariam com uma consideração nova. Seria independente. E sobretudo estaria ocupada. Teria um interesse. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 189)

Ainda sobre as questões sociais abordadas na obra, fica claro e evidente o papel de cada um na sociedade. As figuras masculinas são retratadas com liberdade, com menos rigor e praticamente sem restrições.

O mundo moderno era dos industriais e dos comerciantes. Cláudio Vieira, comissões e consignações.... Naturalmente, se fizesse a loucura de querer casar, esbarraria como Jorge em alguma tolinha que lhe preferiria um doutor sem eira nem beira. Casar, aguentar, família... Brrr.... Que horror! Nenhuma mulher valia a sua liberdade; se podia tê-las quantas quisesse, sem sacrificar coisa alguma! (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 189)

As figuras femininas, por sua vez, precisam de restrições, muito rigor e praticamente sem liberdade para traçar seu futuro, para escolher o modo de viver, ou seja, não havia direito sobre si. As figuras femininas, casadas ou não, mal podiam sair às ruas sem que isso se tornasse um problema.

– Décio não me deixa andar só – explicou-lhe a irmã – e eu preciso pagar umas visitas. Você não sabe como é ruim não ter liberdade; pode ir onde quer, à hora que quer; eu não... Décio pensa que todos os homens não fazem outra coisa senão olhar para mim.... Um inferno! (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 174)

Enquanto Cecília era o tempo todo bombardeada pela questão do matrimônio, sendo sua sina como moça branca de classe média, seu irmão não tinha com o que se preocupar. E, além disso, poderia perfeitamente seguir com uma vida boêmia sem restrições ou censuras. Afinal de contas, ele era homem e podia escolher, sem

represálias, o destino que melhor lhe atendesse.

E aqui a sagacidade da forma que nos provoca o choque entre o discurso sem prática do irmão e a prática do discurso romanesco, que vai desvelando tanto no mundo interior de Cecília quanto nas suas ações objetivas, a luta concreta por se ter direito sobre sua própria vida. (ARAÚJO; Adriana, 2018, p. 125)

Quanto às solteiras, qualquer tentativa de viver ao seu modo, era motivo de preocupação, visto que, pela perspectiva do patriarcado, a mulher solteira deveria ser perfeitamente cuidada e zelada, para que sua honra não se perdesse.

– Isso é o resultado da liberdade excessiva de Cecília – opinou Don’Ana, quando Heloísa pô-la a par do ocorrido. – Se andasse sempre acompanhada por seu pai, como devia, esse sujeitinho nunca se teria permitido brincar com ela. A culpa é de Ernesto. Minhas filhas, em solteiras, nunca puseram o pé na rua sozinhas. Por isso, só namoraram para casar. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 180)

Sua pureza deveria estar devidamente guardada para o seu marido.

– Deixe, tia Mariana, ele parece estar gostando de Cecília.... Eu tenho olho para essas coisas, não acredito na tal amizade desinteressada. Cecília já está quase com vinte e quatro anos, e Décio disse que foi muito comentado aquele namoro com o Veiga. É melhor casá-la antes que ela fique mal falada. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 180)

Evidentemente, as convenções sociais eram moldadas e formadas a partir do que convinha para aquele que detinha o poder: o homem. Este, por sua vez, manipulava o meio a seu favor. Então, segundo essa estrutura social criada por/para homens, estes, considerados superiores, sempre serão detentores do saber, do poder, do corpo feminino e de seu destino. “Sociedade de ideologia patriarcal, na qual o marido retém a tutela da esposa.” (MATTOS; Tatiane, 2018, p. 72). E mais, a figura feminina nasceu para servir e cuidar da figura masculina, não importa se para isso ela precise perder sua identidade e sua “vida”.

“Ele quer que eu ande bem vestida para lhe fazer honra, pensava; faço parte da sua representação, como o automóvel e a pérola da gravata.

Não faz mal que eu me sinta infeliz, porque, isso, ninguém vê”.
(PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 192)

Outrossim, a mulher, por ser considerada mais frágil e, conseqüentemente, precisar de mais rédeas, sofre censuras mais penosas quando há qualquer tentativa de rompimento com as regras impostas pelas convenções sociais. Um exemplo que podemos citar é a própria irmã da protagonista, Heloísa, que mesmo estando em um casamento infeliz – onde, inclusive, houve uma traição, primeiro por parte do marido – não pode separar-se, pois, isso seria como enterrar a reputação da moça.

E isso horrorizava Cecília. Extremada como o são geralmente aqueles que não vivem, não podia admitir essa meia separação. Ou tudo ou nada. Se já não se amavam, era imoral a bolsa comum. Um dia externou diante de Antônio esse modo de pensar. – Você está maluca? – Retorquiu o irmão. – Deus nos livre de ver Heloísa divorciada. Aliás, creio que estamos livres desse susto, porque ela também não pensa nisso. O melhor, ainda, é que as coisas fiquem como estão. Cecília espantou-se; não podia compreender que interesse havia para Heloísa em permanecer casada, já que não gostava mais do marido. E tinha toda razão de não gostar; um sujeito que a traía de modo tão grosseiro, tão infame!... Antônio pôs a mão no ombro da irmã, a sorrir cheio de reticências. – Ah! Inocência... Inocência! Você vive no mundo da lua, menina, nem suspeita da maldade que vai pela terra. Vá, fique sossegada, se Heloísa não pensa num desquite, é porque não lhe convém. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 247)

É evidente que as mulheres, em sua grande maioria, tornavam-se refém da estrutura social imposta pelo patriarcado e muitas concordavam submissas, porque é isso que se espera, ao que lhes era imposto. A irmã de Cecília é um exemplo disso, Heloísa não se importava em seguir as regras sociais – apesar de trair o marido ao saber que era traída também –, em fazer aquilo que se espera de uma moça branca, de classe média e casada, pois, divorciar-se não passa pela cabeça da moça, preferindo viver de aparências, tentando mostrar para a sociedade aquilo que se espera, que é casada e feliz, e não uma divorciada infeliz ou mãe solteira.

– Então você vai se divorciar? (Diante da grandeza do sentimento revelado por Heloísa, ela via caírem todas as barreiras.) A outra espantou-se. Divorciar? Que ideia... E sua posição social? E os filhos?

Não, não podia revoltar-se abertamente contra a sociedade. Seria loucura. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 259)

Do mesmo modo, Cecília, que por mais que no desenvolvimento da trama lutou arduamente contra o casamento, torna-se passiva em relação às convenções e parece perder aos poucos sua luta em tentar ter direito sobre si. Pois, por mais que a heroína não tenha sido reduzida a uma dona de casa que cuida do marido e dos filhos, acabou sendo reduzida a uma mulher que cuida de todos. Uma vez que, esse é o lugar da mulher nesta estrutura social, o cuidado, esse é seu “emprego”, cuidar. Mesmo que seja cuidar do pai, dos irmãos, dos sobrinhos etc.

Desinteressava-se de si mesma, do seu futuro. E por causa disso tinha um sorriso plácido para tudo, estava sempre pronta a auxiliar os outros, a viver com eles pedaços das suas vidas. Pouco a pouco fora tomando a si todo o trabalho da casa, antes repartido com Heloísa. Ocupava-se muito dos sobrinhos, principalmente de Baby, a sua predileta. Quando Don’Ana adoecera, fora incansável. E depois da sua morte ia quase diariamente a Santa Teresa, confortar D. Sinhazinha. (PEREIRA; Lúcia, 1933, p. 226)

Isto posto, é inegável que as convenções sociais é o que estrutura a trama de Lúcia Miguel, de modo que, todos os personagens estão amarrados a essas questões e seus destinos são guiados e traçados por tal estrutura social. Inclusive, os próprios personagens entram no jogo de aparências oferecido pelas convenções. Cecília é uma das que tenta romper com as regras impostas, mas acaba não alcançando aquilo que almeja de fato; permanece em seu lugar imposto pela ordem social, mesmo que de um modo não tão convencional para uma moça da sua idade e classe social.

A própria personagem se julga pelas convenções sociais, não sendo plenamente capaz de tirar proveito das escolhas que faz para si mesma. Ela consegue, na imediatez da ação fazer diferente, mas sofre as contradições das ousadias em repudiar o esperado pela família, ou seja, ela não consegue sustentar as consequências de suas escolhas e termina julgando-se a si mesma pelo que as convenções sociais esperam dela. (ARAÚJO; Adriana, 2018, p. 126)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos a obra *Em Surdina*, foi possível ponderarmos sobre as questões sociais abordadas na obra. A obra de Lúcia Miguel nos leva a refletir sobre os papéis impostos pela sociedade, principalmente à figura feminina. Na construção da personagem Cecília há contradições, dúvidas e tentativa de ruptura com um sistema imposto às mulheres, no contexto da obra, mulheres brancas de classe média.

Cecília é uma moça à frente de seu tempo que luta contra seu destino, mulher branca de classe média que deveria casar-se. A personagem mostra-se como alguém que tenta romper com o sistema patriarcal do século XX. Entretanto, ao mesmo tempo que luta contra tal sistema, parece concordar com as regras impostas, censurando a si mesma e outras figuras femininas presentes na obra.

A obra de Pereira, apesar de tratar-se de um romance ficcional, mostra-se como uma representação da sociedade, com questões pertinentes voltadas para os aspectos sociais, principalmente para uma época em que o machismo e o conservadorismo manifestavam-se de maneira pujante. Retratando, assim, o silenciamento da mulher, imposição de regras mais duras à figura feminina e a posição de inferioridade da mulher em relação ao homem.

Meu objetivo ao conduzir esta pesquisa, a partir dos escritos de Lúcia Miguel, foi examinar o ambiente social representado na narrativa. Visto que, as questões sociais são a essência da obra, pois, tudo na trama está voltado para o comportamento das pessoas, em como elas lidam com tais questões, suas frustrações em relação ao que é imposto, suas conveniências em relação ao sistema e, também, os privilégios da classe média branca.

Ao final da pesquisa pude refletir de uma forma mais profunda sobre a sociedade, sobre o papel imposto à mulher no século XX. Pude perceber, do mesmo modo, que evoluímos em relação a algumas questões abordadas na trama, como por exemplo, o papel da mulher na sociedade. O machismo e o patriarcado não morreram, mas é fato que hoje o papel da figura feminina mudou. Assim, por mais que os trabalhos com maior prestígio ainda sejam ocupados, em grande parte, por homens, há mulheres inseridas

em funções antes ocupadas cem por cento pela figura masculina.

Há muito a melhorar, evidentemente, mas não há como não notar a mudança. Inclusive, hoje podemos dizer que as mulheres são consideradas cidadãs, pois hoje o voto feminino é um fato. À época da obra isso, e muitas outras coisas, não era uma realidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Edwrigens Aparecida Ribeiro Lopes. **Desafiando o novo ficcional - Lúcia Miguel Pereira e a representação do cenário político**. Belo Horizonte, BH: Caligrama, 2013.

ALMEIDA, Edwrigens Aparecida Ribeiro Lopes. **Jorge Amado, leitor de Lúcia Miguel Pereira, e as problemáticas da década de 30**. São Paulo, SP: Todas as Musas ISSN 2175-1277, Ano 04 Número 01, 2012.

ALMEIDA, Edwrigens Aparecida Ribeiro Lopes. **"Mas afinal, o que querem as mulheres?" O lugar da mulher na obra Em surdina**. São Paulo: Criação & Crítica, n. 29, 2021.

ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa; SILVA, Susana Souto. **Literatura, Estética e Revolução**. Brasília: UnB - Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2018.

DUARTE, C. L. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos Avançados, [S. l.], v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.

MATTOS, Tatiane Reghini de. **Narradora e ideologia em Lúcia Miguel Pereira e Maria Lamas: os anos 1930**. Originalmente defendida como tese de doutoramento na USP, 2018

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Em surdina**. Rio de Janeiro: Ariel, 1933.

REIS, Carlos. **Dicionário de estudos narrativos**. Coimbra: Almedina, 2018.

SANTOS, Juliana. **Ficção e crítica de Lucia Miguel Pereira: a literatura como formação**. Originalmente defendida como tese de doutoramento na UFRGS, 2012.